



## Os bancos também caçam em matilha

Com o prolongamento da crise no BCP, pode acontecer que os seus concorrentes portugueses se juntem para o adquirir e partilhar. Até para evitarem a entrada de um concorrente mais perigoso

19-10-2007, João Caiado Guerreiro

Os lobos são conhecidos por caçar em matilha. Organizam-se em conjunto e quando atacam a sua presa, esta tem poucas hipóteses de se defender. O facto de actuarem em conjunto permite-lhes atacar outros animais, de maior porte, que os lobos sozinhos nunca poderiam vencer. A superioridade numérica e a coordenação é a sua grande arma. Em poucas palavras esta imagem explica o que trouxe de novo o takeover do ABN AMRO. E foi uma novidade muito importante. O Banco Santander, o RBS e o Fortis uniram-se para lançar uma oferta pública de aquisição sobre o ABN e conseguiram compra-lo oferecendo 72 mil milhões de euros. O Barclays, que tinha feito anteriormente um acordo com o ABN, perdeu. Sozinho não conseguiu igualar a oferta dos outros três.

Esta situação traz uma verdadeira inovação no mundo das fusões & aquisições. Pela primeira vez, três grandes bancos, acordaram lançar em conjunto um takeover contra um outro. Tal não deve ter sido fácil, até porque se tratou do primeiro takeover hostile transfronteiriço no sector bancário. Não se trata aqui de fundos de capital privado que compram em conjunto uma empresa para a revenderem mais tarde, o que tem acontecido ultimamente. Trata-se de algo muito mais complicado de executar, por razões de gestão e de concorrência.

Juntar três concorrentes tão agressivos como o Santander, o RBS e o Fortis numa sala e convence-los a fazerem uma oferta conjunta sobre outro banco, com o objectivo de o retalharem em três partes é obra. Aqui, o papel da Merrill Lynch, como único conselheiro do consórcio, foi determinante. Aparentemente, o Santander terá ficado com o melhor bocado do negócio – Brasil e Itália –, o Fortis com alguma carne – Holanda e gestão de activos – e o RBS só com o osso – os negócios na Ásia pois a defesa do ABN foi vender as suas operações nos EUA que o RBS tanto queria. Claro que ainda vai correr muita água sobre este assunto. Se foi difícil fazer o acordo entre os três bancos, calcule-se o que será executar a partilha do ABN.

Esta operação, dificilmente inaugura uma nova moda: será sempre pouco comum concorrentes acordarem numa aquisição deste tipo. Creio mesmo que as questões que ainda faltam resolver são mais difíceis que as que ficaram para trás. Em qualquer caso, isto pode ter qualquer coisa que ver com Portugal. Com o prolongamento da crise no BCP, pode acontecer que os seus concorrentes portugueses se juntem para o adquirir e partilhar. Até para evitarem a entrada de um concorrente mais perigoso no mercado. É um cenário pouco provável, mas o facto de ser apontado como possível, indica o muito que mudou na banca em Portugal.

